OS TEXTOS TÉCNICOS DE FREUD

A psicanálise é uma técnica de aplicação aparentemente muito simples, afinal opera a partir de uma única regra fundamental: a associação livre. Ao paciente cabe falar tudo o que lhe ocorre sem nenhum tipo de seleção ou crítica. Em contrapartida, o analista deve manter a atenção flutuante e, sobretudo, observar a regra de abstinência.

A atenção flutuante representa uma escuta desapegada do sentido estrito da fala do paciente; desapegada do entendimento que garantiria saber o que ele está dizendo. O analista nunca sabe exatamente o que o analisante diz quando fala, mesmo que aquilo que é dito pareça óbvio. É a obviedade, o sentido consagrado pela razão consciente que está sempre em questão numa análise. A análise não é uma conversa como outra qualquer, na qual se transmite o sentido pretendido por aquele que fala. Na análise está sempre em jogo a questão: o que você quer dizer com isso? O analista é aquele que nunca sabe o que o analisante quis dizer com o que falou. É isso de que se trata na regra da atenção flutuante: a atenção do analista deve flutuar pelo que ele escuta, a fim de identificar os tropeços do discurso, as repetições, as contradições e toda sorte de formações do inconsciente até que um dizer, até então insuspeito, ecoe e se faça ouvir.

É o insabido (inconsciente) na fala do paciente que precisa ser alcançado pela psicanálise. Não se trata de dizer: "sim entendo. Você tem razão de sofrer por esse motivo", mas de avançar o questionamento em direção ao ponto desconhecido onde o próprio sujeito, sem o saber, participa daquilo que o aflige. A psicanálise, diferentemente das psicoterapias, não visa a acolher o paciente como vítima de algum destino cruel, mas sim, encontrar o ponto inconsciente no qual o sujeito escolheu refugiar-se das exigências da vida, ponto de onde brota seu sofrimento. Esse é o único caminho capaz de permitir que o sujeito escolha lidar de modo menos sofrido com o mal-estar que a vida cobra de todo ser falante.

A regra da abstinência (outra regra a orientar a prática do analista) não constitui apenas uma observância moral, mas acima de tudo, ela representa um fundamento técnico preciso que, por atualizar a interdição do incesto, reafirma a impossibilidade de realização do gozo fusional. Nisso reside a essência da ação do analista que, abstendo-se de responder à demanda do analisante, relança seu desejo. O analisando, incitado a seguir desejando, acaba, ao final do percurso, por inventar uma nova posição subjetiva para si, reorganizando através dessa nova posição subjetiva, os elementos de sua história num roteiro inédito, vivido agora em nome próprio.

O paciente rememora trechos de sua história, repete outros na forma da transferência e, finalmente, movido pelas intervenções do analista, produz esse longo trabalho de remanejamento inconsciente que Freud chamou de "perlaboração". O analista por sua vez, além do trabalho de interpretação, deve construir os trechos da história do analisando onde há lacunas, colocando em palavras aquilo que o paciente só recorda em ato.

Conduzir esse processo que vai da repetição do mesmo até a invenção do novo, depende de um eficiente manejo da transferência, território no qual a análise se desenvolve. O analista deve estar situado no ponto em que o desejo é causado e não lá onde ele é obliterado. De tal forma o lugar do analista é determinante do progresso da análise, que não é exatamente o que ele diz que importa, mas sim, de onde ele o diz. É a transferência, em seu manejo adequado, que autoriza o analista a intervir com eficiência. É ela que marca a diferença entra uma palavra que tem efeito analítico e uma interpretação selvagem.

A que conduz uma análise levada até seu ponto mais extremo? Freud localiza aí o que chamou de a "Rocha da Castração", ponto, em sua opinião, intransponível. E então, a análise termina ou é interminável? Como se forma um analista? Quais os requisitos para essa formação? O que pensa Freud sobre os analistas leigos, não-médicos?

O programa deste semestre reúne os textos através dos quais Freud se debruçou sobre todas essas questões técnicas da psicanálise, tornando evidente que a psicanálise constitui uma verdadeira práxis pela profunda coerência e implicação teórico-clínica que apresenta.

As questões suscitadas por estas reflexões nos colocarão no cerne do ato analítico como agente da práxis psicanalítica, verdadeiro coração da clínica. A contribuição lacaniana fez avançar muitos dos pontos sobre os quais Freud se deteve, como o fim da análise, a questão da formação do analista, a clínica do real, entre outros.

Estão todos convidados ao debate.

Coordenação: Comissão de Ensino da ACP.